

## Dass

«O nosso espectro de actuação é cada vez mais abrangente»

LUÍS SANTIAGO BAPTISTA  
PAULA MELÂNEO

O estúdio Dass, composto pelo arquitecto David Seabra e pela designer Susan Roeseler, assume um posicionamento multidisciplinar. Entre a escala arquitectónica e a escala do objecto, este atelier revela uma propensão para uma abordagem corporal e lúdica ao espaço arquitectónico. No entanto, a grande escala também lhes interessa como se revela no seu interesse pelas qualidades do lugar específico e por uma atenção às potencialidades da paisagem natural e urbana.





Frog Chair, 2007

**arqa:** Qual a vossa perspectiva da arquitectura portuguesa contemporânea? Sentem que existem diferenças geracionais no nosso contexto disciplinar? Se sim, como e onde se manifestam?

**Dass:** As diferenças geracionais que existem hoje, não são criadas por ruptura, nem por continuidade, não são contra-reações, nem antídotos contra outras gerações, mas sim, criadas pela interacção: 1) Interacção com as gerações passadas e futuras, através de processos de aprendizagem e transferência bi-lateral de conhecimento, quer seja no meio Académico, no meio Laboral e, naturalmente no meio Familiar; 2) Interacção com o contexto que nos rodeia, quer seja ele físico ou virtual, natural ou construído, em todas as escalas, desde o espaço onde vivemos, até ao infinito das redes comunicativas do mundo virtual. Contudo, devido à revolução tecnológica, e a sua influência no nosso dia a dia, a interacção com o espaço físico tem diminuído em detrimento do virtual e a fronteira torna-se cada vez mais difusa; 3) Interacção com a sociedade, com as mudanças políticas, sociais, económicas e culturais. No mundo globalizado em que vivemos, estes elementos podem fazer a diferença e a “arquitectura” de uma sociedade activa, equilibrada, sustentável, torna-se cada vez mais parte da realidade do arquitecto. Mas se estamos a falar de interacção com todos os elementos que nos rodeiam, o que é que caracteriza e define esta “geração Z” e porque é que não existe o mesmo grau de evolução e de pensamento das gerações anteriores hoje em dia? A capacidade de absorver informação, de adaptabilidade e de questionar, vai diminuindo à medida que o tempo passa por nós, não tanto por falta de capacidades fisiológicas, mas mais pela formatação, pelos “ismos” que as sociedades, naturalmente ou não, moldam os seus habitantes. Portanto a questão da geração Z não devia ser dependente das idades, mas das mentalidades.

**arqa:** Como definem o vosso posicionamento disciplinar e programa arquitectónico, tendo em conta o actual panorama geral da arquitectura contemporânea? Que papel pode ter a vossa actividade como arquitectos?

**Dass:** O nosso espectro de actuação é cada vez mais abrangente e hoje, dificilmente se encontra um posicionamento disciplinar estático ou programático que caracterize o estúdio dass ou uma fronteira onde acaba a nossa actividade. O arquitecto deixou de ser apenas um prestador de serviços para ser um criador, um artista, um ensaísta, um carpinteiro, um activista, um maestro de conhecimentos generalistas que se rodeia de conhecimento específico, quer seja de ciências naturais, ou humanas. Se para além deste *multi-tasking*, o arquitecto também fosse um psiquiatra, diríamos logo à primeira vista que estamos perante um novo síndrome: *Design and Architecture Schizophrenic Syndrom* - D.A.S.S (Qualquer semelhança ou parecença com o nome do nosso estúdio é pura coincidência.). Síndrome este surgido pelo difícil acesso ao mercado de trabalho, pelo crescimento exponencial do número de arquitectos, pela periferia geográfica de Portugal, pela conjuntura económica actual, etc., contudo, à medida que observamos o caminho que temos percorrido, os projectos de arquitectura e design que temos realizado, construídos



Mille - Prix Émile Hermès 2008, Projecto Finalista

ou não, percebemos que se trata de uma abordagem pró-activa, uma explosão de ideias fruto de uma observação crítica do nosso habitat, fruto de diferentes “backgrounds” culturais, de vivências e pensamentos que simplesmente não cabem na gaveta da abordagem clássica de arquitectura.

**arqa:** Que filiações ou influências marcaram o vosso percurso formativo e profissional? Como é que elas se manifestam na vossa produção arquitectónica?

**Dass:** Para além do nosso percurso académico, em Arquitectura na FA-UTL, em Ciências Sociais na Universidade de Dusseldorf, em Design de Comunicação na Universidade de Wuppertal; das vivências em Barcelona, Berlim, Colónia, Lisboa; dos percursos profissionais no Libeskind, Ag4, na Fotografia e no Filme. Para além das nossas origens e viagens, família e amigos, a *ARQ/A*, a *MARK*, o *Público* e a *A bola*, encaramos a arquitectura e os projectos que realizamos, não como pontos de chegada mas, como pontos de partida, o que significa que a nossa maior influência, filiação e meio de inspiração é a observação, é o dia-a-dia, os pormenores que normalmente não vemos, mas estão sempre lá, ver o visível no invisível.

**arqa:** Qual a vossa posição perante a realidade produtiva, económica e social em que intervêm? Quais os grandes desafios por trás da vossa abordagem arquitectónica?

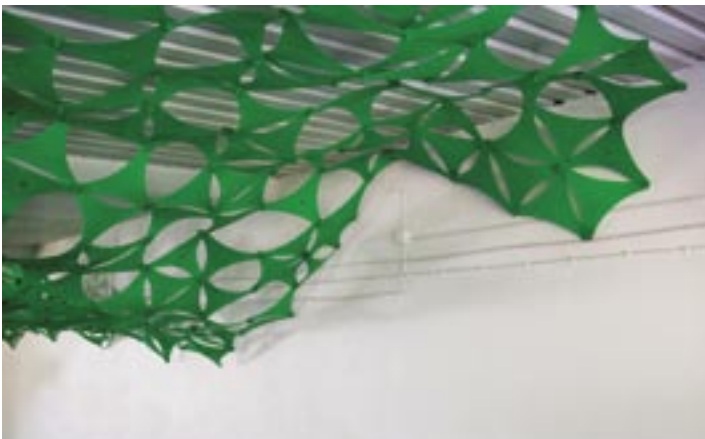
**Dass:** A realidade produtiva, económica e social está virada e direccionada para o Homem global e para interesses económicos e políticos subentendidos e não para o homem como individuo, que tem sido o elo mais fraco da nossa realidade. Este conceito e a época do “*global standardization*” iniciado com a revolução industrial, tem que acabar. O Homem já não quer ser estandardizado e é impreterível a procura de alternativas para estes sistemas obsoletos e errados que a civ



Astrotel, 2009



TreeHotel no Jardim da Estrela, 2009



Aforest, 2011

ilização construiu. Esta procura tem degenerado nos últimos anos numa democracia reaccionária e uma individualização egocêntrica da energia criativa, muitas vezes sem sentido, resultado de modas e flutuações. O grande desafio da nossa abordagem como atelier interdisciplinar, e como críticos que somos, é levar a energia egocêntrica do criativo para o seu ecossistema: a sociedade, a rua, as pessoas, o indivíduo e através desta dinâmica gerar sinergias interagindo com o contexto em que vivemos e com as suas condições inerentes de mudança, criando sistemas adaptáveis e flexíveis de produção e de criação. O desafio é também evoluir da vida urbana para um ambiente sustentável e naturalmente evolutivo onde os espaços não serão apenas de consumo,

mas também de produção, onde o público se funde com o privado, onde a criação se junta com o realizado e o lixo se junta com o reciclado, o velho com o novo. O mundo muda e é mudável e este é o grande desafio.

**arqa:** Que áreas de trabalho e tipos de encomenda vos motivam? Como estabelecem e gerem as vossas opções profissionais tendo em conta a sustentabilidade do atelier?

**Dass:** 350gr de Criatividade, 250gr de Desafio, 250gr. de Inovação, 150gr de Surpresa e uma boa pitada de divertimento, são os ingredientes que nos motivam e que servem para qualquer encomenda, seja privada ou pública, grande ou pequena, *high* ou *low-tech*, de arquitectura ou design. Naturalmente se estivesse regado com um bom cliente, seria o prato ideal para digerir a sustentabilidade do atelier, o que normalmente não é o caso, o que implica, em alguns projectos sermos nós a inventarmos receitas, a cultivarmos os ingredientes e a deliciarmo-nos com tal manjar.

**arqa:** Porque optaram por um nome colectivo para o vosso atelier? O que significa e o que pretende comunicar essa designação?

**Dass:** O nome colectivo foi uma escolha óbvia no panorama em que actuamos, para mostrar que o nosso trabalho não é fruto de um elemento, mas um resultado de equipa e colaborações. O importante não é a satisfação pessoal, mas que, com os trabalhos realizados se observe o cunho criativo do estúdio *dass*. O nome monossílaba transmite uma expressão forte e irreverente que se entende como um nome sem raízes linguísticas, internacional. Há ainda quem tenha outras interpretações mas deixamos à imaginação de cada um.

**arqa:** Seja entre vocês como colectivo, seja com colaborações externas ou projectos paralelos, como caracterizam a vossa forma de trabalhar? Que contactos e redes de investigação procuram estabelecer?

**Dass:** Por sermos um atelier interdisciplinar e com uma dimensão pequena, trabalhamos sempre de um modo flexível e adaptável, com uma grande abrangência de programas, mas com objectivos muito definidos. Primeiro para podermos ser alternativa a ateliers estabelecidos, segundo por melhor conseguirmos fazer a absorção e gestão de *inputs*, e elementos que fazem parte de cada projecto como *budget*, localização, cliente, programa. Estamos sempre abertos a colaborações e exigimos uma interacção e pro-actividade de todos os possíveis intervenientes do projecto, desde o construtor, passando naturalmente pelo cliente, até aos colaboradores. Cada projecto é um *case-study* e realizamo-lo como se fosse o último projecto que fizéssemos.

**arqa:** Como se desenvolve o vosso processo criativo? Que questões e instrumentos projectuais privilegiam?

**Dass:** Os projectos que realizamos são narrativas e histórias vivas que estão intimamente ligados à arquitectura, ao design e à comunicação e surgem entre os espaços fluidos intersticiais destas três disciplinas. Dependendo do projecto, este espaço pode ser coeso ou estar expandido

*O arquitecto deixou de ser apenas um prestador de serviços para ser um criador, um artista, um ensaísta, um carpinteiro, um activista, um maestro de conhecimentos generalistas que se rodeia de conhecimento específico, quer seja de ciências naturais, ou humanas. Se para além deste multi-tasking, o arquitecto também fosse um psiquiatra, diríamos logo à primeira vista que estamos perante um novo síndrome: Design and Architecture Schizophrenic Syndrom - D.A.S.S.*

ou até ser apenas um espaço virtual e imperceptível à primeira vista. O processo projectual torna-se num jogo de escalas e pormenor, de investigação e de materiais, de utilidade e forma, que procuramos gerir em conjunto com o cliente em que cada decisão e cada caminho é repensado e levado aos limites, como um protótipo ou uma *mock-up* perene. Trata-se de um processo criativo fluído, sem regras, nem prefixos, moldado pela razão, realizando questões a longo prazo (Futuro); pela Experiência, procurando respostas no conhecimento (Passado) e pela Intuição com a decisão e apreensão imediata da realidade (Presente); “Não existe nenhum caminho lógico para a descoberta das leis do Universo - o único caminho é a intuição” (Albert Einstein).

**arqa:** No âmbito do nosso mundo mediatizado, como entendem e desenvolvem as práticas de divulgação do vosso trabalho? Que plataformas e meios privilegiam? Qual o vosso entendimento do papel da imagem na arquitectura actual?

**Dass:** A internet é o meio de divulgação mais ao alcance da escala do nosso atelier e dos trabalhos realizados, quer seja através de portais dedicados à divulgação de projectos ou através da realização de *blogs* que mostram pontualmente o desenvolvimento de um projecto. As plataformas de redes sociais surgem como *teasers* para a divulgação rápida de notícias generalizadas, ou de projectos. Por fim a página de internet ([www.dass.pt](http://www.dass.pt)) é um espaço fixo e mais estático, em que todos os outros

elementos orbitam como satélites à sua volta. Por outro lado, situações como o convite para ir ao Portugal no Coração: “Um *talk-show* ligeiro alegre e informal, um ponto de encontro dos estrangeiros que cá moram, dos portugueses que cá estão e dos que andam lá fora a lutar pela vida!” (Frase via RTP PROGRAMAS que poderia ser o mote para a rubrica da Geração Z ) para falar sobre arquitectura e sobre o Treehotel, são grandes momentos de divulgação para o povão, divulgação não do atelier mas das nossas ideias. As revistas têm também um papel muito importante na divulgação, uma vez que, ao contrário da internet, não se trata de uma mostra frenética de imagens, mas numa mostra estudada e aprofundada de projectos.

**arqa:** Como (ante)vêm o vosso atelier, a vossa actividade e a vossa arquitectura daqui a dez anos?

**Dass:** Acreditamos que daqui a 10 anos, a nossa actividade e arquitectura passará mais por praticar serviços do que a prestar, ou seja, para além de sermos um atelier criativo, sermos também produtores, um atelier artesão. Ao praticarmos serviços de arquitectura existe uma maior proximidade de pensamento e acção, e voltamos à tradição operativa da construção, uma arquitectura informal, produzida por uma pura expressão de desejo e necessidade, aberta a todos e não mais discutida apenas pelos e entre os arquitectos. “O futuro dependerá daquilo que fazemos no presente” (Gandhi). ■



Casa S, 2011



Casa AR, 2011